



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

13 de Agosto de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1759

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O turbilhão do materialismo que, em todas as suas vertentes, varreu as sociedades ocidentais, tidas por desenvolvidas, sem deixar de, ainda no presente, nelas fazer sentir os seus efeitos, alastrou pelo mundo fora e impõe-se também nas terras angolanas, por onde passei, há alguns dias.

Se, para a maioria das pessoas naturais, o mercantilismo é negócio que serve para a obtenção dos meios de sobrevivência, como de tantas mães levando seus filhos às costas e carregando o artigo para vender à cabeça, para outros é oportunidade de ostentação e de gozo, apesar de terem à sua porta os lázaros que, na sua penúria, aguardam a sua chamada ao seio de Abraão.

Estabelecida formalmente a paz, há, no entanto, múltiplos sinais da guerra passada, os mais dolorosos visíveis nos seres que deambulam nas cidades em busca dela, sem a encontrar. Uma mulher que, de cócoras, expressava, pela sua mímica, as suas dores passadas e ainda presentes; ou um homem, vestindo unicamente uma simples *t-shirt*, quase imóvel, agarrado a um poste de iluminação da via pública, eram sinais da guerra que passou e da paz que ainda não chegou. Antes, fora um homem desganhado, em plena Capital, a levar com a mão em concha alguma água à boca, retirada de uma poça que se acumulou numa rua movimentada. A seu lado o turbilhão passava, sem dar conta ou insensível a estas realidades.

Noutro local, como tantos outros, uma feira repleta de barracas de venda de tudo quanto existe, numa densidade humana impressionante de compradores, vendedores e outros; nesta, o ambiente pestilento dava mostras da completa insensibilidade dos que por lá estavam ou passavam, iludidos ou entusiasmados com os proventos que dali podiam tirar.

Por todo o lado uma constante: grupos de crianças e de jovens, ocupados em seus interesses mais ou menos imediatos, sendo visíveis, a par da sua jovialidade, outros sinais do cariz dramático da sua existência. Quando no futuro voltar a Angola, decerto que, neste assunto, irei ver uma realidade mais parecida com a do mundo ocidental da actualidade, e será pouco provável encontrar miúdos aos magotes como é comum nestes tempos.

O turbilhão leva tudo, coisas boas e coisas más. A voz do Profeta não emudece pelos tempos fora, que embora pouco escutada, é sempre actual: «Porque gastais o vosso dinheiro naquilo que não alimenta e o vosso trabalho naquilo que não sacia?»

Por fim, um condomínio fechado, não de vivendas constituído, mas de espaços comuns onde todos dormem e, no átrio exterior, lavam suas roupas e cozinham, enquanto procuram debelar suas doenças. Todo o pouco é importante, e o que rende não sabemos calcular. O Santo João de Deus cuidou, decerto em circunstâncias muito semelhantes, de muitos doentes do seu tempo... há tantos anos.

Hoje, como ontem, continua a ser necessária, aqui como em todo o mundo, esta sã e santa loucura que vence todos os obstáculos, sentida e assim expressa por Pai Américo: «Senhor de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino!» □

PENSAMENTO

Pai Américo

Come, que ficas a saber tudo. A palavra cáldida da serpente não mudou de significado, porque os homens também não. Quantos deles e quantas delas não têm ficado, na verdade, a saber coisas que antes da tentação ignoravam e desejariam nunca ter conhecido — quantos! □



Pela manhã, os de Malanje, começam assim.

CALVÁRIO

Padre Baptista

O Quim

JOAQUIM, é um ser de muito pequena estatura e já com sessenta e dois anos. Está totalmente dependente. Carece de que o levistem, façam a higiene, dêem alimento, cuidem dele em tudo quanto precisa. Nada pede, mas está sempre à espera de qualquer coisa. Observa tudo em redor, não comenta, pois não fala. Fica onde o colocam. Durante o dia, a cadeira de rodas é o seu poiso habitual.

A Fernanda, é outro ser dependente e igualmente sossegada. Pronuncia algumas frases. Convive. Se alguém dela se abeira, pede uma canção e, muito atenta, fica a ouvi-la, regalada.

Outros doentes estão também por aqui, semelhantes. Vieram de famílias que se demitiram, desagre-

garam ou, sacudiram quem as estorvava. Encontraram agora um lar que é o seu, onde são estimados.

Na sociedade em que vivemos, há muita gente com saúde, capacidades, usufruindo bem-estar e bom-viver. Muitos vivem inebriados com o que são e possuem, e têm receio de perder tudo isso, ambiciosamente.

Mas, se um dia tiverem a coragem de se aproximar, sem preconceitos, de seres como os que aqui vivem, tudo se altera no modo de verem os outros. Opera-se uma reviravolta no seu pensar e agir. É que começam, então, a descobrir valores que ignoravam, ou não sabiam apreciar: como a serenidade do viver, a ausência de medo do dia de amanhã, a alegria do simples conviver, da felicidade de ter amigos.

Hoje, vive-se em grande azáfama e não se dispõe de tempo para reflectir. Mas o gesto de aproximação a estes obriga a pensar de outro modo.

O contacto com seres destes é um convite à entrega da vida nas mãos de Deus, a conhecer a paz dos santos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O amor aos Pobres leva-me a entrar dentro da indigência das pessoas e no empobrecimento social.

Andar de casa em casa, ver a penúria, a ignorância e a incapacidade que os Pobres sofrem para sobreviver quer na comida, nas mínimas comodidades e na desorientação, ajuda-me a ver de perto as causas de tanto sofrimento.

Na base da míngua está sempre a ausência da Lei de Deus!

Os atentados contra esta **Lei Suprema** — continuamente cometidos por leis humanas, feitas em ambientes agnósticos por gente sem escrúpulos, comprometida com os seus próprios interesses — favorecem, assim, um ambiente cultural devastador nos ignorantes, inocentes e incautos.

Os depravados sentindo-se livres, abandonam, até, os mais elementares deveres da natureza.

Mais uma vez, encontrei uma pobre mãe, desempregada, com dois filhos, abandonada pelo progenitor dos mesmos, há perto de dois anos, a chamar por socorro.

«Arranjei trabalho em Setembro, mas, até lá, como vou pagar a renda da casa, e o resto e comer com os meus meninos?!»

O homem foi. Desembaraçou-se dos filhos e da companheira como se abandona o lixo no contentor. Passando por cima da natureza, sem escutar a voz da consciência, desprezando o amor dos filhos e da companheira, arruína também, sem dar por isso, a sua própria vida.

Entre alguns milhares de casos passados por mim, nestes últimos dois anos, muito poucas mulheres viviam com o marido ou companheiro.

O mais, é tudo repudiadas que ficam com a carga dos filhos, da casa e, quantas vezes, das dívidas! Uma terrível calamidade imparável!...

As mulheres são as grandes heroínas e os filhos as deterioradas vítimas. Uma avalanche de miséria que vai aumentando e não sabemos onde parará.

É impossível ser fechado a este sofrimento e o seu clamor atinge o fundo da nossa alma!

Continuo a pagar as rendas, as prestações ao banco, algumas receitas médicas e a gemer com as desgraças! □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

José Reis

«*Jovens à guarda do Estado saem dos lares sem a escolaridade mínima.*»
in Público

Infelizmente este dilema já nos vem perseguindo há algum tempo. Como é possível, Instituições à guarda do Estado, nos dias de hoje, deixarem partir Rapazes, ou Raparigas, aos 18 anos, com ou sem qualificações, sem qualquer apoio posterior, esta situação aumenta a iliteracia, a criminalidade e a prostituição.

Felizmente, ainda existem as Casas do Gaiato que, em grande parte, contrariam o problema que se vive nas instituições a cargo do Estado. Uma Casa fundada pelo grande Pai, Padre, defensor dos Pobres, um grande escritor português e um grande humanista, este Homem de quem vos falo é simplesmente Pai da Obra da Rua — Pai Américo, com uma pedagogia familiar e religiosa comprovada. Os rapazes, conhecidos como os Gaiatos, têm oportunidade de serem homens, podendo estudar, aprender com as tarefas que são realizadas na Casa, desde a carpintaria, passando pela agricultura, jardinagem e limpezas da Aldeia, até à cozinha. Mas, ao contrário das Instituições do Estado, os rapazes saem e, se aproveitaram as oportunidades que a Obra lhes deu, conseguem ter um curso seja ele profissional, técnico ou superior. Esta pedagogia funciona como na maioria das famílias do nosso tempo: os filhos saem de casa quando tiverem alguma sustentabilidade económica e pessoal, tornando-se, aos poucos, menos dependentes e as Casas do Gaiato funcionam exactamente assim, é claro que há quem vacile e não aproveite as oportunidades oferecidas e muitos saem sem qualificações, uns conseguem qualificar-se fora da Obra, outros não conseguem desenrascar-se no mundo *lá de fora*, um mundo vil e competitivo e acabam por ser presos por diversos motivos.

Quando gaiatos estáveis encontram outros gaiatos instáveis que fizeram parte da sua geração e relembram o passado e todo o historial desde que viveram debaixo da bandeira da Obra, do momento em que saíram até à vida fora da Casa do Gaiato, alguns agradecem outros arrependem-se.

Em suma, é de enaltecer e agradecer por estas Obras contribuírem para o crescimento humano e por ajudarem a sociedade.

Um grande, caloroso e grato abraço à Obra da Rua.



A nossa casa de praia,
em Azurara, Vila do Conde.

PRAIA — O primeiro turno, chefiado pelo Octávio juntamente com o «Resende» e a D. Guida regressou no dia 25 de Julho. Durante três semanas, estiveram na nossa casa de praia, o primeiro turno carregou energias, divertiu-se e deliciou-se com a comida saborosa da D. Guida, alguns pratos foram feitos com marisco que rapazes apanharam junto às rochas, na nossa praia.

O segundo turno, chefiado pelo Zé Reis e acompanhado pela Adelaide, partiu no dia 25 de Julho e ficará até 15 de Agosto, desfrutando de uma bela praia e de uma bela casa. Boas férias!

BATATA — A recolha dela começou no dia 19 de Julho, com alguns percalços devido à extensão de rama nos campos, o que dificultou a apanha, porque a máquina parava muitas vezes, a tarefa acabou no dia 2 de Agosto, com uma boa recolha. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FÉRIAS NA PRAIA — O turno de Rapazes para gozarem férias, na nossa casa da Praia de Mira, seguiu a 26 de Julho. Foram 25, bem orientados pela senhora D. Nazaré, e pelos Professores Paulo e Paula, que abdicaram de tempo de férias, para nos acompanhar. Bem hajam! Temos tomado muitas banhocas e brincado na areia. Ao Domingo, temos celebrado a Eucaristia. Precisamos de descansar bem, para no próximo ano lectivo termos bons resultados e cumprirmos outras obrigações, na nossa Casa. Agradecemos os produtos hortícolas, de Amigos da Lentisqueira, e o pão, de Franciscas.

ARRANJOS — Para termos melhores condições de higiene, fez-se um investimento em dois esquentadores, na nossa casa de férias, na Praia de Mira. É necessário, mas ficou caro. Podem-se apenas fazer pequenos melhoramentos, pois o tempo é de crise, geral...

ESCOLAS — Neste momento, encontram-se matriculados todos os Rapazes que vão estudar no ano lectivo de 2011/12, nas Escolas de Miranda do Corvo e de Coimbra. Assim, 2 pequenitos (Malam e Aliu) continuam num Infantário. Depois, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, encontram-se 15 Rapazes. No 2.º e 3.º Ciclos, estão 9 Rapazes. No Ensino Secundário, 3 Rapazes. Quem dera que seja um bom ano escolar!

AGROPECUÁRIA — Depois de mais dias de calor intenso, neste vale, no início de Agosto, voltou a chover. Concluiu-se a limpeza da maior parte das ervas daninhas, nos nossos terrenos, desta vez nos socos de citrinos, a poente. Temos aí umas bonitas Alminhas, no princípio da rua Padre Horácio. Um terreno da horta ficou em pousio, para destruir a junça. Da fruta que tem caído no chão, como pêra e maçã, tem-se cozido para a sobremesa; e outra estragada vai para o gado. Fez-se os maranhos no milho grão, para a secagem das espigas. Alguma folhagem deste cereal pôs-se a secar, num terreno próximo. O Veterinário, da Cooperativa de Coimbra, veio fazer o rastreio da brucelose e a vacinação contra a língua azul dos ovinos. É preciso abater alguns carneiros e suínos, para a nossa alimentação. A alguns galos, oferecidos por um Amigo de Lamas, foi cortado o pescoço. É bom produzirmos alguns alimentos, pois a comida não nasce nos supermercados... □

BENGUELA

César Daniel («Massauro»)

ESCOLA — Estão prestes a começar as provas trimestrais (actualmente são mais conhecidas por «provas dos professores»), dado o sistema de Reforma.

Na realidade, às vezes, as coisas não têm andado bem. Alguns rapazes têm faltado às aulas, tido mau comportamento, alguns há que são postos fora da sala de aulas, por isto ou aquilo... enfim, motivos que não têm deixado o nosso ambiente estável. Há dias, tivemos problemas com dois rapazes que frequentam a sexta-classe. Um, com roubo dum telefone a uma aluna, sua colega de turma; outro, que faltou ao respeito à professora. Já foram tomadas medidas para corrigir estes dois.

Na verdade, os rapazes não têm deixado o ambiente em paz. Há falta de responsabilidade de muitos, no momento do estudo. Até gente crescida precisa ser empurrada para fazer os seus deveres. Estamos preocupados com isto, porque o objectivo é recuperar do saldo negativo de aproveitamento, no trimestre passado. Para tal, é necessária a colaboração de todos. Isto desalenta-nos, e não é este o caminho de Pai Américo. Tudo vamos fazer para recuperar os que andam perdidos. Vamos ajudá-los para andarmos todos juntos. É possível mas, para isso, é necessário que todos remem para o mesmo lado.

DESPORTO — Já arrancou o campeonato dos caçulinhas também conhecido como «Iniciados» ou «craques

da bola». É um programa organizado pelo governo, que teve o seu início na capital, e agora está a espalhar-se pelo resto das províncias. A faixa etária é dos 9 aos 13 anos de idade. Nesta linha estamos perante uma nova visão social sobre as comunidades.

Já estamos na terceira jornada da primeira volta, e as coisas parecem não ter começado bem. É um campeonato que nos é bem-vindo, porque nos vai ajudar a ocupar os rapazes. Vale a pena a nossa participação porque, no fundo, penso que estamos a ganhar experiência. É um campeonato onde participam dez equipas. As quatro equipas primeiro classificadas, passam para outra fase, chamada provincial ou inter-provínias. Dali sairá a equipa que vai representar a província no campeonato Nacional.

É muita responsabilidade para nós porque nunca vivemos esse tipo de ambiente. Por outro lado, vamos fazer tudo o que pudermos porque, ali, a nossa rapaziada vai buscar novo calor, vai beber novas experiências de vida. Aliás, o desporto é considerado como uma base fundamental da educação humana. Então porque não aproveitar esta oportunidade? A ansiedade da rapaziada é tanta... eles gostam de aprender coisas novas, oxalá que, na verdade, tirem proveito, porque é um bem para eles.

Falando da classificação, neste momento estamos em sétimo lugar, fruto de duas derrotas (2-1) e uma vitória

(3-1). A rapaziada tem melhorado a cada jogo e, em verdade, têm correspondido às expectativas. Contudo, estamos a preparar uma futura equipa para a nossa Casa, uma vez que a equipa principal se encontra, de momento, degradada.

FESTA DE PAI AMÉRICO — Como já é sabido o mês de Julho é marcado nos corações de todos aqueles que se sentem filhos de Pai Américo. Isto, porque todos os anos celebramos a festa da Obra da Rua.

Este ano, a nossa festa foi a 24 porque no dia 16, o nosso Padre Manuel, que já tinha regressado de Portugal, se encontrava em Malanje para participar na Ordenação do Padre Quinzinho. Assim, o dia 16 ficou marcado pela Celebração Eucarística, presidida pelo Padre Alberto, no nosso salão e as outras actividades ficaram para o dia 24.

Nesse dia realizámos várias actividades desportivas, que foram organizadas por mim com o auxílio do Paz. Para dizer também que este ano tivemos mais programas em relação aos outros anos. Tivemos também futebol de salão, os nossos caçulinhas defrontaram os médios. Por fim tivemos as brincadeiras de vestir roupas. Penso que foi bem aproveitado por todos aqueles que quiseram fazer parte destas actividades. Este dia ficou marcado pela troca de experiências entre os antigos e os filhos novos da Obra. □

MOÇAMBIQUE

Irmã Quitéria

No fim do dia há sempre que dar uma volta pela fazenda para ver os animais, as hortas, o pomar, enfim todo o trabalho deve ser bem acompanhado. Domingo passado a volta foi mais completa. O Sr. José, nosso vovô, que tanto gosta do campo; Tô-Zé, um jovem que trabalha connosco e Maria José, que também queria apreciar a natureza e dar as suas opiniões, estiveram na minha companhia. Claro que quando saímos com o Sr. José (83 anos de idade) os nossos cães Henriqueta e Chico Farinha, grandes amigos sempre acompanham o carro.

Visitámos a horta, os pequenos animais, a batata e o feijão. Demos uma volta por todo o terreno, com pouco espaço aproveitado por falta do precioso líquido — a água, para a rega. Temos 120 hectares para prática da agricultura, mas actualmente só podemos contar cerca de 25 destes, pois sentimos, de dia para dia, que é preciso não confiar em promessas enquanto a realidade é outra.

Em 1996 dentro do projecto de desenvolvimento rural e integral da Cooperação Italiana, tínhamos sido abrangidos por uma conduta da barragem dos Pequenos Libombos, onde o compromisso era de 60% da água para o desenvolvimento das nossas actividades agropecuárias e os restantes 40% para a população à nossa volta. Ficámos felizes pela beleza do projecto!. Em nome das crianças pobres e vulneráveis. Aos poucos, muitas casas para fim-de-semana e outras iniciativas, à

nossa volta, foram tendo prioridade na distribuição da água.

Ultimamente temos que controlar todas as gotas para garantir o que está no campo; e todos os dias a sermos ameaçados por ter de ficar sem água em nome da «população», que por sinal faz as machambas de sequeiro à volta do nosso terreno, nos respeita e está todos os dias por perto. Mas os que se dizem «população» vêm para passar fins-de-semana. Vemos o nosso futuro muito comprometido, se não aparecer alguém de coração grande que nos ajude a resolver o problema. O nosso querido Padre Carlos, ainda em vida, conheceu e muito fez para solucionar o nosso problema de água. O Padre Acílio, é conhecedor profundo do problema e está fazendo muito esforço, mas até agora ainda não temos o problema resolvido. Confio que, um dia, poderemos, com alegria, aproveitar todos os cantinhos deste terreno, para plantar, colher e viver do fruto do nosso trabalho.

Constantemente estamos a receber visitas e quando vêm a nossa Casa encham o peito de ar e dizem: «Isto é um paraíso!». Há dias, perante uma autoridade que conseguimos deixasse o protocolo e ficasse à-vontade connosco, ainda na entrada, admirado por ver a paisagem de longe, perguntou: «Que casas são aquelas?» Eu com o meu coração angustiado respondi: — É uma instância de turismo — no momento surgiu um silêncio profundo! Deus é silêncio e às vezes é preciso provocar o silêncio

para que as pessoas pensem; de certeza que esperava encontrar os nossos rapazes perfilados na entrada, os trabalhadores com camisetas, para fazermos entender que existimos. Na pedagogia do Padre Américo «somos o que somos em todos os momentos». Foi assim que ele sempre nos ensinou.

Que Deus nos ajude a perseverar perante todos os obstáculos e amar sempre mais aqueles que mais precisam de nós. Que os fazedores de grandes projectos, em nome dos mais Pobres, respeitem os que não sabem e não podem falar.

Voltando ao campo. Durante a volta fizemos uma paragem para ver a água que estava no tanque da rega. De repente ficámos surpresos com o Chico Farinha que, por ver um insecto que lhe fazia festinhas, escorregou e caiu dentro deste. O avô José, aflito, queria atirar-se ao tanque, para salvá-lo. Todos ficámos apavorados. Tô-Zé, ao encontrar uma corda amarrada à tubagem, arriscou a entrar no tanque. Maria José, aflita, controlava o Tô-Zé e o cão. E eu, tentando acalmar o nosso vovô. Passados uns dez minutos, com ajuda de todos, o Farinha estava salvo e a ordem estabelecida. Não foi preciso altas tecnologias, apenas todos tínhamos o mesmo objectivo — salvar o Farinha.

Foi esta, uma lição para todos nós. Pois começámos a pensar no problema da água como algo solúvel e ao nosso alcance. Creio que, neste momento, devemos dar prioridade à prioridade e resolvermos o problema. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

Jorge Alvor

ENCONTRO ANUAL — Enviámos carta a todos os inscritos no ficheiro e já iniciámos a preparação do nosso Encontro, para que tudo corra dentro da normalidade.

Lembramos: o convívio será na casa de praia, em Azurara (Vila do Conde), nos dias 10 e 11 de Setembro.

Para o primeiro dia, convém trazer um farnel para o almoço.

Não esqueçam os lençóis e toalhas, como em anos anteriores.

A vida está muito difícil; por tal, pedimos o favor de informarem, com antecedência, o número de pessoas de cada família que estarão presentes, para não haver gastos desnecessários. Para isso, anexamos os contactos. Nelo: 224330127. Jorge Alvor: trabalho: 255752285, casa (a partir das 18h30m) 255753080.

Por fim, para que possam colaborar mais activamente — tragam bolos e champanhe!

Até lá, continuação de boa disposição. □

A Obra da Rua é uma boa semente e cada Rapaz é um terreno fértil

NA avenida que vai dar ao centro da nossa Aldeia, há uma acácia que só dá flores amarelas. Lindas! Cor-do-sol, da alegria e do sorriso da manhã. Certo dia, ouvi o nosso Padre Telmo — que as plantou, regou e a bondade do Criador as fez crescer — dizer que tinha plantado, também, muitas acácias rubras. De vermelho e amarelo, que lindas roupas vestiriam a nossa paisagem. E porque o nosso Padre Telmo falou das flores vermelhas? Porque notou a sua ausência. — Aquelas acácias não tinham germinado. Pouca sorte!

No Evangelho o semeador saiu para semear. A qualidade dos terrenos determinou a colheita. Em nossas Casas, os Rapazes formam os terrenos sobre os quais são lan-



çadas as sementes do bem, com o desejo de se fazerem homens úteis para o amanhã. Se a sociedade ainda dúvida da qualidade dos nossos terrenos, é porque ela não anda interessada com o verdadeiro espírito da Obra. A boa semente, deixada pelo Pai Américo, continua viva e fecunda.

Hoje, escrevo a partir da avenida, escoltada de altas árvores de mangueira, da nossa Casa do Gaiato de Benguela. No pátio, um lindo cruzeiro, o centro da Aldeia. O Boni e o Jizaldo, a sorrir, dão-me as boas-vindas. A semente do bem já germina nos corações destes nossos pequeninos, embora sejamos a imensa seara do trigo e do joio, como Pai Américo bem escreveu. Mensagem sempre presente e

actual, vinda dum coração cheio de amor.

Em nossa Casa a semente é boa, o recipiente que cada Rapaz trás, conforme as suas capacidades para receber, determina o resto da produção. As oportunidades são dadas de igual modo, a todos. Para estudar, conforme a capacidade do recipiente que corresponde a cada Rapaz. «*O que a natureza não deu dificilmente o dará a escola.*» Se este for o caso de algum, esse tem oportunidade de aprender uma arte e ser, no futuro, um bom profissional.

Muitos Rapazes têm chegado a produzir tanto quanto se lhes é exigido, tal como a semente que caiu em boa terra. Outros nem tanto. Precisamos, incansavelmente, de continuar a acreditar e a apostar nos nossos Rapazes — mesmo quando eles menos acreditam em si mesmos. A semente continua boa para todos.

Padre Quim

MALANJE

Padre Rafael

Permaneço no Meu Amor

«**C**OMO pagarei ao Senhor, todo o bem que me tem feito...» Assim começou a acção de graças do Padre Quim, depois da sua ordenação. A resposta, humilde, é: Deixar a tua vontade, desde as coisas mais quotidianas, servindo aos que mais sofrem, oferecendo-lhes a oportunidade que o mundo lhes negou. O amor, que nos é transmitido pelo Senhor, passa a ser a única razão da nossa vida, e compartilhá-lo é o único modo de se ser feliz. O amor se dá todo quando se lhe entrega tudo. O amor faz-nos morrer no outro. O amor só se pode viver em liberdade, quando intentamos superar todas as escravidões. Como disse Paulo: «O amor sempre permanece...»

É tanto o que se tem escrito sobre esta palavra que, às vezes, tenho vergonha de nomeá-la, pois nunca a podemos separar da realidade que supõe o encontro. E é nesse

momento que aparecem rostos concretos de pessoas que estão ou já partiram. Rodeado de mistério, é Ele quem se converte no motor de muitas vidas. Quando crês tê-lo alcançado, se escapa novamente e se esconde para querer ser encontrado. Nunca me cansarei de falar d'Ele, sem nomeá-lo.

Ontem a ordenação do Quim, hoje a primeira Missa. Tudo se celebrou dentro da festa do Padre Américo.

A Aldeia encheu-se de antigos gaiatos, vindos de diferentes lugares. Todos queriam unir-se na alegria de ver um deles a ordenar-se sacerdote e se fazer Padre da Rua. Também recebemos o calor da Obra da Rua, com a presença do novo director, Padre Júlio, e Padre Manuel, de Benguela.

Padre Telmo não quis falar, pois disse que, ultimamente, as lágrimas lhe saem rapidamente. Diz que é

pela idade. No fim, foi Padre Júlio quem falou e nos recordou que as nossas Casas são como uma grande seara onde crescem juntos o trigo e o joio. E que não somos nós que temos de decidir ou esconder a realidade que é. O Padre Quim, como bom operário, tentará dar força a todos e fortalecer os mais débeis.

Foram, uma vez mais, os «Bata-tinhas» que nos impressionaram, no Ofertório, com suas danças e seus gestos. Neles, também nos sentimos oferenda pequena e débil, orgulhosa e ditosa. Não é um sacerdote mais, o que se consagrou, é um filho que se faz irmão e, agora, é pai para todos. Nunca podem faltar padres diocesanos que estendam os braços para acolher os mais pobres que deambulam pelas ruas deste mundo.

«Sou um revolucionário pacífico», dizia Pai Américo... Não nos impeçais de continuar a acreditar nos mais empobrecidos do mundo. Deles é o Reino dos Céus e a Obra da Rua é um lugar do mesmo. Todas as ruas têm casas e é na Obra onde os Pobres devem encontrar, sempre, uma Porta Aberta.

Bem-vindo irmão Quim. □

SETÚBAL

Padre Acílio

O sábado passado foi um dia cheio de vida! Agora, sem carne doada, temos que a produzir e arranjar. Como? — À moda antiga.

Os nossos pais não matavam um porco ou dois, para o comer? E hoje, nas aldeias, com economias apertadas, não acontece o mesmo?

E que havemos nós de fazer, se não seguir o mesmo processo?

Criámos em casa, uma porca e, deram-nos outra. Dois bichos enormes!

Normalmente, tem sido um gaiato antigo, mais o seu cunhado, quem nos tem feito este serviço, mas, dentro de mim, sempre achei que um trabalho destes deve pertencer aos actuais gaiatos. Eles precisam de saber, de ser capazes e guardarem para a vida, na memória, estes conhecimentos de forma prática e intuitiva! — Também faz parte do nosso processo educativo.

Por impossibilidade dos dois intervenientes principais, adiámos uma semana, a matança do porco, ou melhor, das duas porcas.

Combinados na véspera, o cunhado não podia vir por imposição de compromissos laborais.

Não estando ele, o Elói — nosso antigo gaiato — começou com dificuldade.

— Não faz mal — rematei —, nós vamos nos agarrar à tarefa. Arranjo duas equipas de rapazes e cada uma, trata da sua.

Mas o Elói deixou os seus afazeres e veio apoiar-nos.

O matar é fácil. Uma pancada nos centros nervosos deixa o animal insensível.

Depois de bem lavado na área da sangradura, um dos rapazes, mais adulto, mete a faca e tira o sangue para um recipiente preparado, já com temperos, para o chouriço adequado.

Normalmente esta acção, em nossa Casa, é feita com o animal pendurado por uma pata traseira e levantado por uma pá carregadora. Tudo simples e fácil.

A seguir, vem o chamuscar, que também exige a sua técnica. Fazemo-lo com o maçarico a gás. Enquanto três ou quatro rapazes raspam a pele, arrancando-a completamente, desde as partes mais largas às mais estreitas e mais escondidas.

Limpo a fogo, o animal é agora lavado, bem lavado. Após um banho de água a correr pela mangueira derramam sobre ele detergente da loiça e os rapazes, esfregam-no com ásperos calços de blocos de cimento. O bicho morto jaz sobre uma larga mesa de grades de ferro confeccionada para o efeito. A seguir, vem a operação mais sugestiva, que todos anseiam por contemplar.

A curiosidade dos rapazes, e de toda a gente, é muito natural. Como funciona um organismo vivo?!

Após o despegar, cuidadosamente, o ânus e a uretra e os amarrar com um cordel fino para evitar qualquer derrame sujo, o animal é, de novo, elevado de cabeça para baixo pelas patas de trás, pegadas por um chamberil enfiado nos jarretes, ficando com a barriga voltada para o operador.

Começa-se, então, a abrir o corpo do animal e a ver-se os rins, a bexiga, os intestinos, o pâncreas e os ovários, o útero, o baço e o estômago e, finalmente, os pulmões, o coração, até, ao esófago e à língua. Ver com os próprios olhos a maravilha da máquina vital, não só deslumbra mas, também, transmite conhecimentos próximos da realidade do nosso próprio corpo. A matança do porco transforma-se, assim, numa lição viva, da vida!

Os rapazes aprendem a desembarçar as tripas, a limpar as gorduras a lavá-las e a prepará-las para os enchidos.

A cabeça do animal é cortada em duas metades e o corpo em quatro e postas no frio, para enrijar durante algumas horas.

Depois, vem a desmancha!

O Rodrigues e a Micã mais o Elói e a Dina, com o Sr. José, comandaram o trabalho. Os rapazes ajudaram e aprenderam.

A carne dos chouriços, a que é para derreter em banha, as febras, as costeletas, o toucinho para as favas, tudo é escolhido, cortado e posto no frio.

Todos os rapazes passaram por estas ocupações para adquirirem, de forma simples e completa, mais uma faceta da vida que os amadurecerá. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«**Ó MULHER, GRANDE É A TUA FÉ. FAÇA-SE COMO DESEJAS.**» (Mt 15, 28) — O mundo em que vivemos parece o mundo da Cananeia com a filha atormentada por demónios que roga pela misericórdia de Deus, mas a quem Este parece não responder. A pobreza dá sinais de estar a aumentar. Há, também, erupções de violência que nos parecem sem sentido por esse mundo fora e também cá dentro. A Humanidade, em vez de se ir aperfeiçoando e caminhando para mais perto de Deus, parece cada vez mais tomada por demónios que Ele não consegue vencer.

Nestas circunstâncias a fé de alguns que a têm vai esmorecendo, ou mesmo desaparecendo, em vez de ganhar maior vigor no afrontar destas dificuldades.

Esta época de férias, para quem as pode ter, também é propícia ao relaxamento e ao esquecimento da força que precisamos de ter para fazer face a um futuro que não será fácil para ninguém, quer para as pessoas que agora acompanhamos,

quer para as que estão para vir e mesmo para nós próprios.

Por isso, a Fé que sempre foi precisa, é e será cada vez mais precisa. Sendo essa Fé feita de determinação para afrontar as dificuldades, mesmo quando nos parece que “não há Deus”, ela é impulso para lutar contra a pobreza e sair dela. Como os Vicentinos e outros que andam nisto bem sabem, muitas vezes a pobreza começa e alimenta-se dessa falta de vontade de compreender e de lutar contra as dificuldades da vida.

Façamos, pois, a nossa parte como a Cananeia, que Deus não nos faltará com a sua misericórdia.

Onosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, aocuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 47.300 exemplares

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

SEDE — No mês de Agosto vamos fazer uma pausa, ficando a sede encerrada. Mas em Setembro, os horários mantêm-se para quem nos queira visitar ou participar nas nossas actividades que neste momento são as aulas musicais, de desenho e pintura. Às sextas à noite, aos sábados de tarde e noite e também ao Domingo à tarde, estamos abertos. Contamos sempre com a tua visita de braços abertos.

CONVÍVIO COM OS GAIATOS EMIGRANTES — Quando o “Famoso” vos chegar às mãos, já se realizou a recepção-convívio aos antigos gaiatos emigrantes por esse mundo fora que aproveitaram as férias para nos visitar. Foi no passado dia 7 de Agosto. Além do almoço partilhado, a tocata da Associação mostrou os seus dotes, já muito bem afinada para dar um colorido musical e contagiar os presentes com alegres canções.

Maurício Mendes

BENGUELA

Padre Manuel António

Generosidade

O Padre Quim chegou à nossa Casa do Gaiato de Benguela. Vivemos com muita alegria e simplicidade a celebração do grande acontecimento. Beijámos as suas mãos consagradas, portadoras do coração para o serviço da Obra da Rua. É o cume do ideal contido no Lema que Pai Américo sonhou e viveu: Obra de Rapazes, Para Rapazes, Pelos Rapazes. O Padre Quim quer seguir o caminho do Mestre. Quer entregar ao mundo dos mais pobres tudo o que tem, mesmo que lhe pareça ser pouco. A Palavra proclamada no Domingo passado fala dos cinco pães e dois peixes — sete pedaços de alimento — símbolo da totalidade para alimentar a multidão de famintos. Há muitas e variadas fomes! A generosidade não deve ter limites. A partilha dos bens é a proposta única para um mundo novo, em que todos vivem como irmãos. Quando cada pessoa puser à disposição dos outros o que possui, a própria vida, acontecerá o prodígio do mundo feliz. Quem dera! Que ninguém guarde para si, egoisticamente, o que possui, com

receio de que um dia lhe falte o necessário. Quem o fizer não está a lutar contra a fome no mundo.

O que pusestes em minhas mãos, com muito amor e carinho, já foi doado e gasto em necessidades inadiáveis. Mais duma centena e meia de famílias esperam, todos os meses, o pão de cada dia que sai da nossa Casa. Enquanto não encontrarmos outra solução, levaremos com o vosso amor, também, a carga destas vidas. Entretanto, aguardo com muita esperança a resposta a alguns pedidos de ajuda, mais substanciais, para a resolução dalguns problemas que afligem a nossa vida. Já são conhecidos, porque têm sido muito falados.

Ontem, Domingo, fui surpreendido por um telefonema a pedir lugar para dois pequenos, fugidos da cidade de Luanda. Foram encontrados nas ruas da cidade do Lobito. Os maus tratos eram a razão apresentada para a sua fuga. Com 8 e 10 anos, não andam na escola, nem apresentam sinais de crianças acompanhadas com amor. Foram acolhidos com muito interesse.

Restam, agora, alguns passos a dar para o esclarecimento possível da verdadeira situação em que viviam. O lugar normal dos filhos é o seio familiar. Infelizmente, falta, muitas vezes, o amor que prende e segura as crianças no seio da família, perante a tentação da rua com todos os seus males. Os filhos são, frequentemente, abandonados pelos pais. As mulheres mães, perante alguma rebeldia dos filhos, entregam-nos a outros familiares que não sentem a responsabilidade total por eles. Daí, os maus tratos e quase abandono a que são votados. Fogem, por isso, à busca dalgum lugar que os acolha e lhes abra a porta para a vida normal. O primeiro pedido que fizeram foi a escola: «Podemos ficar aqui para irmos à escola?» Ficaram, por enquanto, embora não tivéssemos o lugar vago para os dois. Pensamos, deste modo, ter lançado uma pedra fundamental para o crescimento normal das suas vidas, com o acolhimento confiante que lhes foi dado. Vamos continuar.

A nossa vida não deve ter descanso. Não nos pertence. Deve sentir-se marcada por um empenho concreto a favor de quem tem necessidades. Por isso, logo que seja possível vão ser atendidas as chamadas ao bairro vizinho para ver as casas partidas e outras situações aflitivas dos pobres extremos. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

UM dos anseios que têm ocupado as minhas andanças, nos intervalos da recuperação hospitalar, é encher um contentor com coisas úteis ao ensino profissional em nossa Casa e nas Aldeias. Para Changalane e Individuane, doaram máquinas de carpintaria que, em chegando, tratarei de montar. Aquelas povoações, não têm como fazer um caixão para levar os seus mortos ao cemitério, nem com que fazer uma banco e uma mesa nem tão pouco uma cama. Passaram séculos assim, mas, agora, com novos conhecimentos e o pouco de instrução que vão tendo, também se sentem insatisfeitos e querem o estatuto de pessoas como as outras. Em nossa Casa falta ainda o edifício para a oficina de torneiro mecânico. Algumas máquinas já estão lá e outras irão. São mais tornos e um limador.

Se para as Aldeias basta preparar um carpinteiro de máquinas, que ele arranjará os seus ajudantes, para nossa Casa o problema é mais complexo, não só devido à natureza das máquinas que requerem protecção especial, mas também pela utilidade premente em dar uma capacitação técnica àqueles que saem da nossa Escola. No ano passado foram cerca de trezentos a fazer a décima e mais de cem a décima segunda. Muitos vão ficando pelo caminho, por não terem possibilidade de transporte e propinas para cursos secundários. Pois as nossas oficinas de serralharia civil, carpintaria e marcenaria, mecânica de automóveis, camiões e tractores e, agora esta, de torneiro, para além das que já existem na Massaca e em Maelane, vão dar-lhes oportunidade de uma profissão técnica que garante saída para emprego. Queremos que o Povo à nossa volta se desenvolva. Da agricultura é impossível tirar rendimento. Tantas vezes não dá para a subsistência. E Deus não vai mudar o curso da natureza para que as zonas áridas se transformem em celeiros. Precisa sim mudar o coração daqueles que detêm a propriedade dos melhores terrenos agrícolas para que os cultivem, de modo a renderem para o bem comum. E isso não acontece.

Pois nós, não tendo nada, tudo queremos fazer para que o povo se desenvolva. Prevenção de doenças foi uma prioridade e é a acção mais empenhada da nossa Maria José. Fiquei surpreso quando soube que em Portugal não há prevenção. Há literatura e especialistas. Mas gente no campo ao lado das pessoas, parece que falta e mais vai faltar com a fome que começa a ser preocupante. Reuniões semanais com líderes comunitários, com os da prevenção da sida, assistência pré-natal e aos desnutridos bebés e idosos, corridas da ambulância aos hospitais, para internamentos, quando o nosso Posto da Massaca não pode resolver, tudo bem organizado com pessoas já licenciadas, à frente, como a Irmã Quitéria escreveu nos *Tempos Novos* com a *Fundação Encontro*. Tudo um trabalho de mulheres e que mulheres!

Pois a nós falta agora o dinheiro para a nova oficina. Já alguém de lá me veio dizer que era bom não fazer mais projectos. «A Casa do Gaiato não tem recursos próprios». Sei que não posso contar com quem lá vive e nos conhece e o pouco que dá não passa do material escolar e arroz para os nossos Rapazes. Às vezes, alguma roupa dos filhos ou até levada daqui, se os têm em Portugal. Mas se nós vivemos da Fé em Deus, nem duvidamos que as ajudas venham. Ele tem os Seus caminhos. Só Ele é a nossa Seguradora e o nosso Banco na Sua misericórdia. Ou não déssemos, como amorosamente nos pediu, a vida para que os outros tenham Vida! □

IRMÃ MARIA

Padre João

RENTE ao nosso Lar do Gaiato de Coimbra, onde agora nos encontramos, podemos avistar e apreciar o velho edifício que foi Casa de Retiros da Diocese de Coimbra... Por se encontrar perto de nós também faz parte da nossa memória colectiva e afectiva. Ali se desenrolaram acontecimentos eclesiais e momentos de grande profundidade espiritual concretamente os Cursos de Cristandade. Ainda nos recordamos daqueles dias que precediam os ditos cursos e dos insistentes pedidos e recomendações que nos faziam as Irmãs pelo seu bom êxito! Os Rapazes lá iam escrevendo em papelinhos, previamente entregues pela reitoria, os seus sacrifícios e orações...

Dona Maria da Luz, grande Senhora do Lar, nessa altura, com uma autoridade moral reconhecida e colo afectivo experimentado, não perdia ocasião de convidar e interpelar os Rapazes para o cumprimento rigoroso das intenções a que se tinham comprometido.

Do nosso Lar podíamos perscrutar e acompanhar os dias, fervorosos, em que decorriam: os cânticos e os Salmos; os testemunhos dos participantes chegavam até à nossa varanda. Quase podíamos participar e apreciar, de longe.

Confiada aos cuidados da Congregação das Irmãs do Amor de Deus ali conhecemos uma veneranda Irmã, já muito anciã, sempre mergulhada nos trabalhos humildes da horta, de manhã até à noite: uma laboriosa formiguinha! Parecia não ter outra preocupação senão o cuidado das suas plantas hortícolas. Falava com os Rapazes e com as suas galinhas: um grande exemplo de vida escondida e humilde. Era a Irmã Maria!

Às vezes os Rapazes eram apanhados por ela no laranjal da quinta... e as queixas, obviamente, não se faziam esperar: «Ó senhor padre, era fulano e beltrano...» pormenorizava dizendo tamanho, cor das calças e penteado... depois, num misto de ternura e preocupação, acrescentava «mas não os castigue... a gente sabe o que são crianças!» Alguns para terem acesso às laranjas de forma “autorizada” chegavam a inventar que estavam de passagem porque a Senhora do Lar ou o senhor Padre os tinham mandado pedir hóstias para a missa... Umas vezes seria certo, mas quantas, um simples pretexto para saborear as laranjas da quinta da Irmã Maria!

Belos tempos! Com histórias destas e outras, O Lar das Irmãs do Amor de Deus fez história na vida de muitos deles... Agora, ao longe, não se ouvem hinos nem salmos inspirados nem os galos anunciando a madrugada. Apenas um silêncio preocupante que nos faz pensar... As ervas daninhas cresceram, as silvas trepam livremente e os jardins estão abandonados. Não seja o silêncio de Deus a tomar conta!

Assomamos de novo à magnífica varanda que dá para a cidade nova, que se estende de S. José ao Calhabé, e saudar a Irmã Maria com um: «quando volta ou nos voltaremos a ver?!» □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Pés na areia

A fome no mundo é um drama humano e um escândalo, neste século XXI. Toda a pessoa tem o direito, primário, a nutrir-se saudavelmente; o que não tem acontecido, em todas as latitudes, ao longo da história; e se manifesta com gravidade em situações de emergência, na actualidade, como na região do *cornó de África*.

É certo que há factores naturais, ambientais, nesta catástrofe. Todavia, podem encontrar-se outras causas, como o desperdício e atitudes egoístas, guerras e especulações dos preços, dos poderosos.

Libertar milhões de homens e mulheres da desnutrição, em especial as crianças, vítimas mais vulneráveis e clamorosas desta tragédia humana, é um dever sem demora, que fere a consciência mundial.

Na Somália, cerca de meio milhão de crianças estão em risco de morte, devido a uma gravíssima seca. Não há dúvida que a produção de alimentos, à escala global, é suficiente para alimentar a população mundial.

Para este apelo, que o Papa lançou recentemente, encontramos uma resposta, viva e actual, na ordem directa de Jesus, aos Seus discípulos: *Dai-lhes vós de comer*. O Senhor ficou impressionado com esta necessidade. Naquele tempo, quando pôs os Seus pés na areia e viu uma grande multidão, encheu-se de compaixão pelos doentes e famintos. Do pouco que tinham os Seus amigos, naquela hora, eles foram bons intermediários com o povo que O seguia, por terra, naquela margem.

Da nossa Família de filhos acolhidos, alguns deles desnutridos, anteriormente, mais de duas dúzias de garotos ladinos têm pisado, neste Verão, os areais de Mira e, com água pela cintura, vão contemplando o horizonte do Oceano, quais lonjuras de onde vieram muitos, da costa ocidental africana.

Há pequenos, como o Aquilino e o N'anso, com pernitais magricelas, que bem precisam de comer p'rá frente.

De regresso a Casa, viemos a matutar nesta alegria e naquela dor, cuja cura passa também pelo coração humano, na esfera de acção daqueles que não se resignam diante de supostas fatalidades.

Estamos numa época, de calor sufocante, em que se multiplicam como cogumelos venenosos pseudo-festas, pagãs, a *santinhos*, que abominam tais louvainhas. Nelas gastam-se rios de euros e desgasta-se



tanta gente, noite dentro, como adoradores de Baco, numa mistura indecorosa e ruidosa.

Procuramos, quanto possível, conhecer de perto realidades cruas de miséria humana. É um mandato divino estar com quem chora. Há pessoas, sofridas, de quem sabemos os seus nomes e fomes, na capital e arredores. São nossos amigos e testemunhas de defesa, até diante dos Magistrados, quando lhes toca ir à barra deles, connosco.

Há gritos, discretos, que nos têm chegado e os noticiários não focam. Numa escapadela, o dia foi para outra romaria. Uma mãe, separada, com um filhito pendurado nas costas, quando nos encontramos, descaiu este gemido trémulo: — *Não trouxe leite?... O meu outro filho tem de ficar fechado, ao fim do dia, enquanto vou dar umas horas*. O fáties deste miudito era mesmo tristonho.

Se viemos tranquilos duma porção das areias da nossa costa, onde esta Família alcança a vastidão do mar, o apelo dos famintos, condenados a uma morte prececo, espicaçou o nosso pensamento, nestes dias em que vivemos.

Ficámos ainda mais de vigília com a tragédia na Noruega, por uma grande maldade de loucura mortífera. A força da Cruz é sempre vencedora. Daí surgiu um desejo social da vida que continua. *Nem a angústia nem a morte nos poderá separar do amor de Cristo*.

Acossado por tanta gente, Jesus teve de desembarcar e pôr os pés na areia, para nos pôr a partilhar pedaços de comida e gestos de paz.

Se entretanto acordamos, vimos as Suas *pegadas na areia*, que nos levam até ao próximo, os outros que esperam um cibinho de pão e de afeiçoão.

Sem a partilha destes preciosos alimentos, como podemos participar nas Ceias de Nosso Senhor, verdadeiro Pão da Vida, que todos os dias Se entrega por nós?... □